

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje em dia Class.: 98

Data: 09/04/90 Pg.: \_\_\_\_\_

□ LIÇÃO DE VIDA

# Índios Pataxós dão aulas sobre os seus costumes

## Uma história de sofrimento

Há 16 anos quando trouxe seu filho mais velho, Uru, a Belo Horizonte para um tratamento de saúde, o cacique Mongangá não sabia que o destino de sua vida iria mudar. Nesta época Belo Horizonte era a sede da Ajudância Minas-Bahia do Serviço de Proteção ao Índio — SPI.

Segundo o cacique, foi o período da mudança da ajudância da Capital para Governador Valadares e a saída do capitão Pinheiro da chefia do SPI, para entrada de Itatuitim. Foi Itatuitim quem convidou Mongangá para cuidar da nova sede da ajudância em Valadares.

A vida estava mudando para Mongangá. Criado na aldeia de Barra Velha, na região de Porto Seguro, Sul da Bahia, ele viu sua aldeia ser destruída em 1951 pelos soldados de Itamaraju e Carafvas. Nesta época, o cacique tinha dez anos, "nunca tinha provado sal, vestido roupa".

"Os índios viviam livres, soltos. A gente pegava os caranguejos do mangue, os peixes no mar. Plantava uma rocinha de mandioca e banana. Tomava muita água de coco. Os índios eram mais felizes", lembrou o cacique.

Desde o massacre de 51, os Pataxós foram dispersos, alguns foram para Ilha do Bananal, outros ficaram escondidos na região e outros fugiram e nunca mais voltaram.

Depois do massacre, a violência passou a perseguir os Pataxós que foram perdendo suas terras para o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF, sob a alegação de que os índios não sabiam preservar as matas. Também foram perdendo as terras pela cobiça das madeiras que ocuparam a região e, agora mais recentemente, para a especulação imobiliária.

□ "Entra governo, sai governo e a situação do índio não melhora, principalmente em Minas Gerais", afirma Nete, uma índia que é respeitada, não só pelos Pataxós mas também por onde passa para defender seu povo.

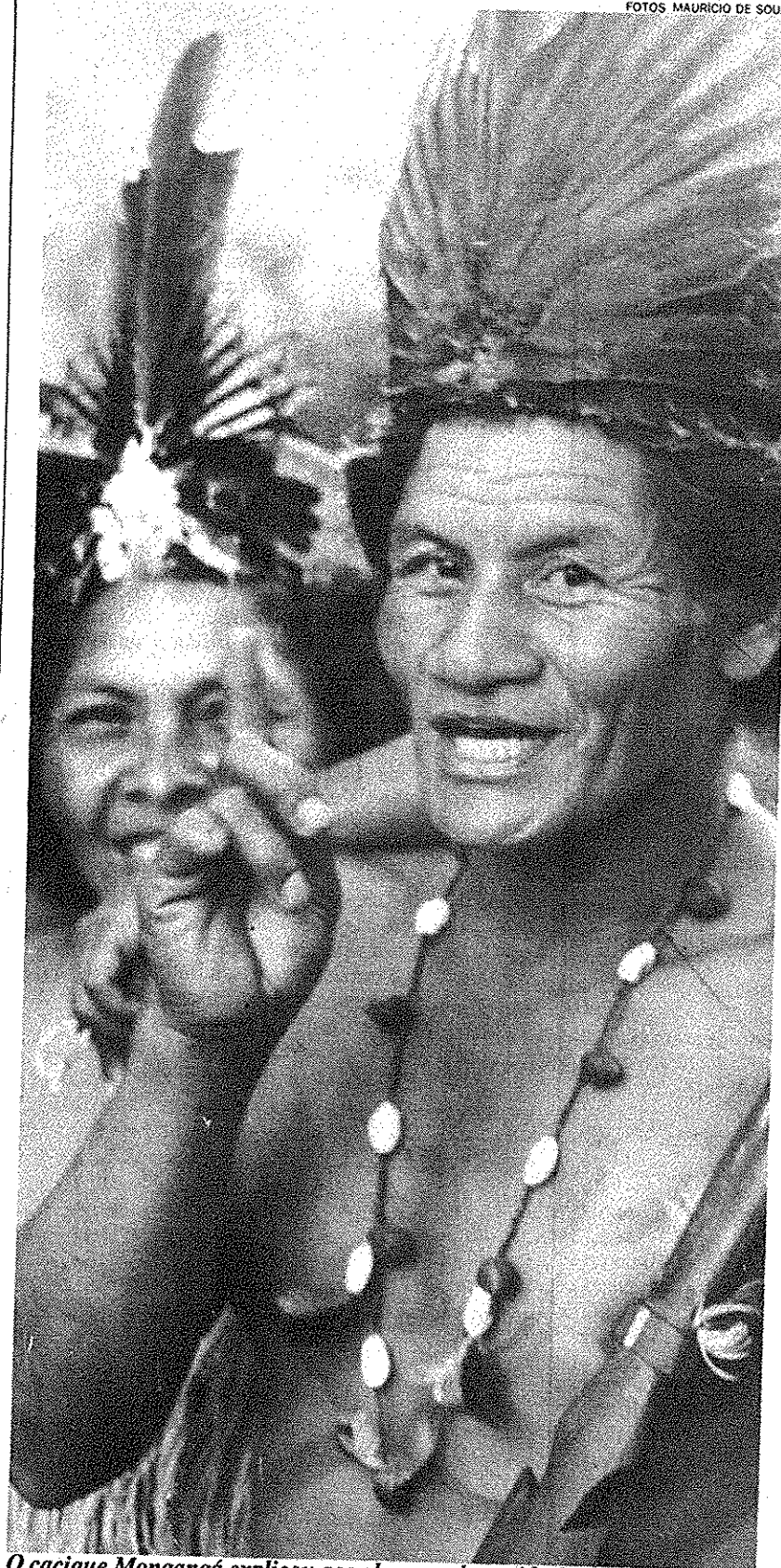
No Colégio Batista, Nete falou sobre os problemas de saúde, alimentação e transporte. Sempre reivindicando uma melhor assistência da Funai para a reserva, Nete, casada com Divino, irmão do cacique Mongangá, tem viajado muito e recentemente esteve em Brasília com o cacique, onde entregou um documento dos índios de Minas Gerais e Espírito Santo ao presidente da Funai, Iris Pedro de Oliveira.

No abaixo-assinado, feito pelos Maxacali, Krenak, Tupiniquim, Xacriabá e Pataxó, os índios acusam os postos indígenas em suas reservas de inoperância e a Delegacia Regional de Valadares, de omissão. O desespero dos índios foi provocado pelas chuvas intensas do final do ano passado e início deste ano, que arrasaram suas lavouras de milho, feijão e arroz.

Mas não é só a chuva que leva desespero aos índios. O abandono e o descaso da Funai com a saúde dos cinco grupos indígenas já provocaram a morte de 12 crianças com menos de dois anos nos últimos seis meses. O cacique Mongangá perdeu uma neta de um ano, recentemente.

O descaso com a saúde não atinge só aos Pataxós. No dia 20 de janeiro deste ano, uma índia krenak, levada ao desespero pela falta de assistência médica, sacrificou sua filha para evitar o seu sofrimento prolongado, contou Nete. Esta denúncia também faz parte do relatório entregue pelos índios ao presidente da Funai.

Segundo o relatório, existe apenas um médico para 7 mil índios e toda a atenção médica que a Funai presta tem caráter exclusivamente curativo.



O cacique Mongangá explicou aos alunos a dura vida dos Pataxós

FOTOS MAURICIO DE SOUZA

HANDI CÉSAR  
FREE-LANCER

Os dez mil alunos do Colégio Batista, do maternal ao segundo grau, tiveram uma experiência pedagógica incomum. A convite do colégio, 21 índios Pataxós vieram a Belo Horizonte para dar uma aula diferente. O tema não podia ser outro: a cultura indígena. Só que, ultrapassando as expectativas, os meninos e adolescentes tiveram mais: uma lição de vida.

Com roupas características, confeccionadas em palha, e pintados de urucum, os Pataxós se transformaram em verdadeiros artistas. O grupo de índios fez nada menos que 20 apresentações no auditório do colégio que tem 600 lugares. Além da apresentação no campo de futebol, onde cerca de 2 mil alunos, de 3 a 7 anos, aplaudiram as danças e cantos Pataxós.

Ainda perplexo com a repercussão da presença Pataxó, o pastor Ader Alves de Assis, diretor do colégio, disse que "a realidade que os índios mostraram ultrapassou a meta educacional, atingindo e despertando a consciência dos alunos e contribuindo na sua formação humanística".

O cacique Mongangá, líder dos Pataxós, viveu uma experiência iné-

dita. Como um sábio grego antigo, da época de Sócrates, ele não teve descanso, rodeado por alunos, sempre com sorriso paciente, o cacique respondia às perguntas que os escolares não tiveram tempo e, às vezes, coragem de fazer em público.

"Qual a religião do índio? Com que idade ele casa? A todas essas perguntas e a tantas outras, Mongangá respondia pacientemente. Apenas uma delas o irritou: "O que a Funai tem feito pelos Pataxós? A resposta era curta: "Nada".

Mas se a bronca com a Funai é seria, a vinda a Belo Horizonte foi benéfica aos Pataxós. Além das 500 peças de artesanato, arcos, flechas, machadinhas e tacapes vendidos na exposição montada pelos departamentos de Cultura e de História do Colégio Batista, os índios levaram para casa uma tonelada de roupas e alimentos recolhidos numa campanha feita junto aos alunos e funcionários do colégio.

Se por um lado as roupas e alimentos ajudam aos Pataxós a enfrentarem a perda da sua safra de feijão, por outro, no mês em que se comemora o Dia do Índio, 19 de abril, o Colégio Batista, ao trazer os índios e sua realidade para os alunos lucrou com a apresentação dos Pataxós, pois eles são páginas vivas da história.



Alunos do Colégio Batista puderam ver de perto a cultura indígena